

**Hector Vigliecca e as propostas de habitação de interesse social:
Construção de uma paisagem urbana**

Andréia Machado

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Teoria, História, Patrimônio e Crítica, UFPEL, Brasil.
Deiaazaredo@hotmail.com

Celia Gonsales

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, UFPEL, Brasil.
celia.gonsales@gmail.com

RESUMO

Este artigo trata da análise da construção da paisagem urbana através da habitação, mais especificamente, da habitação social na obra do arquiteto Héctor Vigliecca, e tem como objetivo analisar os projetos de habitação social do arquiteto, buscando entender as estratégias projetuais utilizadas para o estabelecimento de uma relação muito consistente entre arquitetura e cidade, ou seja, as estratégias utilizadas para “construir cidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Habitação Social. Arquitetura e Cidade. Héctor Vigliecca.

1 INTRODUÇÃO

Em geral, quando se fala de déficit habitacional no Brasil, se faz referência à necessidade de construção de um grande número de habitações. Obviamente, isto é parte do problema, mas neste trabalho, consideramos a questão não como um problema de construir habitação, mas sim, de construir o espaço e a paisagem da cidade.

Este tem sido o posicionamento do arquiteto uruguaio radicado no Brasil, Hector Vigliecca, que muito têm contribuído para o debate sobre a construção de uma cidade mais amável para seu habitante.

O arquiteto, que tem baseado suas propostas sobre uma interpretação da cidade, indica que, quando se constrói “uma estrutura pública, legível, conectada, reconhecível como um sistema urbano estruturado, o morador que está em contato com ela se sente cidadão e investe no seu lugar de morada. Ou seja, ele constrói também a cidade” (VIGLIECCA,2014).

Então, a primeira questão que se coloca é a seguinte: o que é cidade?

Segundo o arquiteto, é um lugar para ser habitado e não ocupado – é no habitar pleno se constitui a cidadania. É um lugar onde não haja a exclusão social e econômica. Mas também, onde não haja um tipo de exclusão que pertence a uma dimensão difícil de medir: a do “âmbito urbano”, dessa condição essencialmente urbana, que precisa ser adequada – através de uma cidade que “tenha sentido”, com áreas que se comunicam e que se integram. Enfim, como insiste Vigliecca, a falta de legibilidade da **estrutura urbana**, que é a condição fundamental de cidadania, também indica um tipo de exclusão.

A outra questão que se coloca neste trabalho, é o papel do projeto no contexto da habitação e da cidade – muitas vezes frágil e pontuada por áreas críticas.

E sobre isso também discorre Hector Vigliecca. Segundo ele, o projeto é um instrumento científico de pesquisa, de invenção de propostas e, nesse sentido, cada projeto se constitui como uma reflexão. Para o arquiteto, a arte de projetar se organiza da seguinte maneira: primeiramente se dá uma interpretação da realidade, depois a construção de uma hipótese, e por último, o uso dos diagnósticos como verificação da hipótese.

As questões citadas acima, são as que fundamentam esta investigação e é a partir delas que se organizarão as reflexões aqui expostas.

Dentro desse panorama, o objetivo deste trabalho é analisar os projetos de habitação social do arquiteto Hector Vigliecca, buscando entender as estratégias projetuais utilizadas para o estabelecimento de uma consistente relação entre arquitetura e cidade, ou seja, as estratégias utilizadas para “construir cidade”. É esse olhar sobre a cidade e sua paisagem que o arquiteto traz desde seus primeiros anos de trabalho do Uruguai.

O artigo está estruturado em duas partes. A primeira discorre sobre as reflexões desenvolvidas no Uruguai e seus desdobramentos no contexto de seu trabalho no Brasil. A segunda procura sintetizar seus princípios fundamentais, identificando o pensamento reflexivo através da análise de dois projetos específicos.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter exploratório e, para alcançar os objetivos propostos, vão ser realizadas as seguintes etapas: Primeiramente, para estudar o contexto e formação acadêmica do arquiteto, sua experiência no Uruguai nos primeiros anos de trabalho, o contexto da crítica europeu, analisar o contexto brasileiro no momento que o arquiteto Hector Vigliecca chega ao Brasil e o contexto contemporâneo das últimas décadas, visando sempre identificar a influência destes e seus projetos, serão elaboradas revisões bibliográficas.

E, para analisar os projetos arquitetônicos e urbanísticos de habitação social, buscando avaliar a confluência de todos os itens acima citados, serão escolhidos alguns projetos e será realizada uma análise arquitetônica e urbanística detalhada (textual e gráfica), com a utilização de instrumentos de análise: Roteiro e redesenho.

Para as análises, os procedimentos serão: 1) Coleta de dados: documentais e bibliográficas. Teve-se acesso a imagens de partes dos projetos como implantação, plantas, baixas, cortes, etc. – através do site do escritório Vigliecca & Associados e dos livros do próprio arquiteto. 2) Pesquisas Bibliográficas, buscando complementar as informações relacionadas aos conjuntos estudados e analisados, 3) construção de um roteiro de análise específico para a situação em estudo e 4) redesenho e esquemas gráficos.

3 A FORMAÇÃO ACADÊMICA/PRIMEIROS ANOS E A REALIDADE DISCIPLINAR – ELEMENTOS DE CONSOLIDAÇÃO DO PENSAMENTO DE VIGLIECCA A RESPEITO DA ARQUITETURA E DA CIDADE

Hector Vigliecca realizou seus estudos no Uruguai, na FARQ – Facultad de Arquitectura da UdelaR – Universidad de la República, hoje FADU- Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da UdelaR - Universidad de la República – UDELAR. Após se graduar, passou três anos na Itália, fazendo um pós-graduação em Urbanismo na *Università Degli studi Di Roma La Sapienza* em Roma e, depois, viajando pelo continente europeu. O arquiteto comenta que esse período foi muito importante para sua formação, pois era um momento de questionamento das soluções modernistas para a cidade e de valorização das pré-existências e das comunidades onde estava inserido o habitante, promovidos por arquitetos como Aldo Rossi, Alison e Peter Smithson, Aldo Van Eyck, entre outros.

Ainda no período acadêmico, participou de um grupo de estudos chamado *Núcleo del Sol* que questionava os princípios da Carta de Atenas e investigava as potencialidades das propostas de grupos como o Team 10, que incorporavam uma nova postura ante a arquitetura e a cidade. A partir daí o grupo investia em projetos mais relacionados com o entorno e socialmente comprometidos (SERAPIÃO, 2013).

Sua Formação no Uruguai, foi marcada, então, pelo debate promovido pelo Team 10 e marcado pelas obras de James Stirling e do Grupo Archigram, aos quais – debate e obras - tinha acesso pela revista argentina Summa (VIGLIECCA, 2019, ONLINE).

Em 1956, no CIAM X, realizado em Dubrovnick, entra em crise o modelo CIAM com a ascensão do grupo de arquitetos que havia organizado o congresso. Esse grupo, era constituído por arquitetos modernos da geração mais nova, como Jacob Bakena, Aldo Van Eyck, Giancarlo De Carlo, Alison e Peter Smithson.

O grupo questionava principalmente os fundamentos do urbanismo moderno, como o excessivo dogmatismo que resultava na uniformidade do meio urbano e na padronização das habitações que estabeleciam uma relação insuficiente com as necessidades reais do morador. Incorporava conceitos como comunidade e identidade que deveriam se traduzir em uma relação entre a casa e os espaços coletivos da cidade mediada por questões culturais.

Desse modo, estes arquitetos estavam preocupados em criar uma nova ordem espacial para as cidades a partir de uma estrutura que gerasse significados e proporcionasse ao cidadão a compreensão de seu habitat, rejeitando o espaço universal e a organização a partir das 4 funções da Carta de Atenas (RITTER, 2019). De modo geral, a questão básica era a de investigar as relações entre público e privado, visando a qualificação do espaço público, surgindo assim a ideia de “pertencimento”, ou seja, de “reidentificação” do homem com seu habitat (MUMFORD, 2002).

Outras vezes se uniam nessa busca de superação das limitações das iniciativas do modernismo ortodoxo. No livro Morte e Vida das Grandes Cidades (2000), a jornalista e pensadora estadunidense Jane Jacobs, defendia a diversidade, a mescla de usos e a importância do papel das ruas nas cidades, pois, segundo ela, eram meios capazes de garantir a vitalidade dos espaços urbanos e potencializar a vida em comunidade e as relações sociais (JACOBS, 2000).

Princípios fundamentais da crítica ao movimento moderno do final dos anos 50, quais sejam, a busca por uma arquitetura que trabalhe com os vários níveis do ato de habitar a cidade e suas conexões, a recuperação da rua como lugar de diversidade, enfim, uma maior integração entre objeto arquitetônico e cidade, foram bastante absorvidos por Hector Vigliecca e adaptados à sua arquitetura.

O início da sua carreira acontece essencialmente no contexto das cooperativas uruguaias de habitação e se constituiu em uma oportunidade fundamental para colocar em prática os pressupostos teóricos debatidos durante sua formação.

Em 1975, veio para Brasil, onde passa a viver desde então. Em São Paulo, trabalhou com Joaquim Guedes e como chefe do Departamento de Arquitetura, do consórcio Nacional de Engenheiros Construtores. Mais tarde, foi sócio de Bruno Padovano em Padovano & Vigliecca arquitetos, onde trabalhou por sete anos. Atualmente, dirige com Luciane Quel, Ruben Otero e Ronald Werner Fiedler, o escritório Vigliecca & associados (VIGLIECCA, 2012).

No Brasil, já desenvolveu uma vasta produção, desde projetos de habitação de interesse social, arenas esportiva, edifícios culturais, educacionais e institucionais até grandes intervenções urbanas (VIGLIECCA, 2012) e tem se destacado por uma abordagem muito ampla e comprometida da arquitetura na sua relação com a cidade.

Na área da habitação, o arquiteto tem trabalhado em diferentes condições urbanas tanto em áreas, chamadas por ele de “críticas”, como em áreas centrais consolidadas,

destacando-se sempre por um olhar minucioso em relação ao entorno, respeitando e reconhecendo profundamente as características do ambiente e a experiência humana pré-existente.

Suas propostas de atuação podem ser entendidas com base na própria classificação utilizada por Vigliecca em um de seus livros, “O Terceiro Território”: projetos em áreas centrais consolidadas, em áreas urbanas críticas e em lugares marcados pela clara utilização da quadra como “unidade urbana de referência” (VIGLIECCA, 2014). O primeiro tipo se refere à atuação em vazios em meio a estruturas urbanas preexistentes, em geral áreas históricas. Dessa forma, o arquiteto trabalha com inserções que reconhecem preexistências significativas e sistemas urbanos consolidados, visando retomar a área central para o uso genuíno da habitação. As áreas urbanas críticas são as áreas de ocupação informal, sem infraestrutura básica e sem conexão com a estrutura da cidade. A abordagem projetual nessas áreas se dá a partir do reconhecimento de estruturas que sinalizam possibilidades de projeto, inserindo nova estrutura sob uma estrutura existente e criando o que Vigliecca chamou de um “Terceiro Território”. É possível identificar na trajetória profissional do arquiteto que, a partir dos anos 2000, sua carreira foi alavancada com a participação em diversos concursos promovidos pelo poder público, com uma vasta produção em áreas urbanas críticas. E, por último, faz referência a zonas onde a quadra é utilizada como “unidade urbana de referência” e o projeto vai se constituir como um ato de estruturar arranjos complementares a uma ocupação, de forma que esta se articule e crie novas condições, através uma escala de cidade já existente (VIGLIECCA, 2014). O projeto do casarão do Carmo, por exemplo, é uma intervenção em área central consolidada e no projeto Habitacional Rio das Pedras – Vila Mara, localizado no bairro São Miguel Paulista- SP, a “quadra” é o elemento de referência, articulador de usos e das escalas público e privado. Por fim, o projeto do Parque Novo Santo Amaro V, trata de uma proposta para uma área crítica, na qual um elemento estruturador e conector é inserido como um espaço de urbanidade em um ambiente urbano extremamente precário.

Como aponta Lizete Maria Rubano (2014), atualmente, o grande desafio de Héctor e equipe tem sido, considerando o território e trabalho humano, elaborar estratégias teóricas e projetuais de enfrentamento da condição urbana, na maioria das vezes precária. Esse desafio aproxima-se de processos de apropriação, legibilidade e legitimação, ou seja, da forma como as pessoas usam o território, o identificam e legitimam o seu uso público.

Com relação às estratégias de atuação nesses territórios bastante precarizados, Vigliecca (2019, ONLINE) comenta: “Não é questão apenas de costurar, é costurar e extrair da preexistência valores que você não vê nesse momento porque eles não ficaram muito claros nos processos de construção da cidade”.

Nesta citação, o arquiteto explica uma estratégia utilizada nos seus projetos que ficaram conhecidas como “cunhas de infiltração”:

Como transformamos esses lugares chamadas favelas? Nós chamamos isso de infiltração. Para atuar nesses lugares, nós infiltramos urbanidade.

Chamamos isto de *cunhas de infiltração*: a introdução de urbanidade em pequenas inserções que espalham por toda a área. Essas infiltrações tem a possibilidade de contaminar o todo. É a introdução de algo que é necessário e que é legível e valoriza a estrutura existente [...] Se quisermos que os habitantes se sintam cidadãos, se

sintam parte da cidade, temos de inserir alguma infraestrutura urbana legível que o vincule ao espaço da cidade. É um modo de operar simples e eficiente. Em suma, é preciso trazer mais cidade formal (infraestrutura, calçada, equipamentos) para dentro da cidade informal, mas sem fazer tábula rasa (VIGLIECCA 2019, ONLINE).

Este artigo trabalha com a hipótese de que o contexto de crítica com o qual conviveu em seus primeiros anos de trabalho no Uruguai, foi fundamental para a construção do pensamento do arquiteto e de sua visão do papel do urbanista e do projeto frente à cidade.

4 OS PROJETOS DE HABITAÇÃO DE VIGLIECCA – “CONSTRUINDO CIDADE”

Hector Vigliecca é um arquiteto que se caracteriza por desenvolver, através de seus projetos, uma aguda reflexão teórica sobre a arquitetura e urbanismo. Segundo ele, nos projetos há sempre um cuidado precioso e preciso no sentido de que as intervenções nas áreas sejam solidárias com o existente, uma vez que a cidade que há em volta deve formar um conjunto unitário com a nova intervenção (VIGLIECCA, 2014).

Vigliecca (2017, ONLINE) costuma dizer que há cinco “regras básicas” que sintetizam os critérios para o raciocínio do desenho urbano:

- 1) **Reestruturação da malha urbana:** a redefinição, evidência e hierarquia da rede viária faz com que a área de intervenção se integre à cidade formal existente, fazendo com que esta deixe de ser uma barreira urbana e um espaço de exclusão.
- 2) **Remoções por necessidade urbana:** as remoções não dizem respeito apenas à áreas de risco, mas também podem ser consideradas necessárias para a determinação de uma condição urbana representativa.
- 3) **Legibilidade como condição de cidadania:** a apropriação e entendimento da geografia e das conectividades geram o sentido de identidade do lugar.
- 4) **Integração do corpo hidrográfico à estrutura urbana:** Redescobrir o corpo hidrográfico e a leitura dessa hidrografia são os principais determinantes no desenho da micro drenagem e, simultaneamente, fornecem a estrutura dos espaços públicos de mobilidade.
- 5) **Coligação das novas edificações:** os novos edifícios devem ser solidários com o entorno, constituindo assim agrupamentos (ao contrário de isolamentos), transformando as conexões entre o público e o privado em espaços qualificados.

Outro conceito, já citado, que embasa as formas de intervenção urbana adotadas pelo arquiteto e equipe, é o que denominam de **cunhas de infiltração de urbanidade**, pontos introduzidos na área de atuação que podem expandir a condição de qualidade urbana. Estas cunhas podem ser consideradas também como fatores de “contaminação”, de maneira que realizem a transformação, ou seja, estabeleçam uma nova condição urbana à área. Esta forma de intervenção pode ser verificada, de alguma forma, em quase todos os projetos do arquiteto.

Por outro lado, Hector Vigliecca em mais de uma ocasião explica, suas estratégias projetuais a partir de conceitos contidos em dois tipos de “monumentos” históricos, os **trílitos** e os **cromeleques**. Por exemplo, em entrevista/palestra (VIGLIECCA, 2014), indica como as maneiras básicas de resolver o “problema” de arquitetura ou de cidade – e na maneira de proceder do arquiteto, duas **hipóteses**: através de um objeto, ou através do espaço conformado por vários objetos – uma terceira maneira seria a partir da combinação dos dois. O uso de um ou outro conceito depende da interpretação que se faça da realidade em que se está atuando (VIGLIECCA, 2014).

Ao revisar a bibliografia sobre a atuação de Vigliecca na área de arquitetura e urbanismo, foi possível verificar que há muitos projetos que já foram bastante estudados, projetos estes marcos de sua atuação no tema da habitação. Em função desse panorama, optou-se por buscar projetos menos abordados, a fim de melhor conhecê-los e ir descobrindo seu papel na linha do tempo projetual de Vigliecca.

Como comentado anteriormente, os trílitos se caracterizam como objetos soltos no espaço, que têm força por sua forma, e os cromeleques se constituem a partir da agrupação de vários trílitos, definindo e conformando um espaço. Para a análise foram escolhidos 2 projetos que representem cada um desses tipo de atuação.

No grupo dos trílitos, se analisará o projeto Reurbanização do Complexo Paraisópolis, e no grupo dos cromeleques, o projeto Jardim Vicentina. O roteiro de análise foi construído a partir do referencial teórico constituído a partir do contexto crítico da arquitetura e urbanismo moderno presente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX e conformado pelos arquitetos do Team 10, pelos Situacionistas e por Jane Jacobs, entre tantos outros.

Os aspectos estruturadores do roteiro – por sua abrangência, viabilidade de aplicação e atualidade – são as escalas de associação – casa, rua, bairro e cidade –, indicadas pelos arquitetos ingleses Alison e Peter Smithson (MUNFORD, 2002) e adaptados à situação de estudos. Outro conceito que embasa toda a análise é a ideia de *cluster*, que pode ser traduzido como um agrupamento com espacialidade plasticamente perceptível e claramente conectado com outros grupos através de espaços intermediários (SMITHSON; SMITHSON, 1953 e 1957).

4.1 TRILITOS: REURBANIZAÇÃO DO COMPLEXO PARAISÓPOLIS (2004)

Paraisópolis é uma das maiores favelas da cidade de São Paulo, com uma população em torno de 80.000 e 100.000,00 habitantes e está implantada em uma zona com bastante declividade e com a presença de vários córregos abertos. É uma área bem consolidada, com residências unifamiliares em alvenaria sem reboco com 2 a 3 pavimentos. A área de intervenção é de aproximadamente 1.051.504,9m².

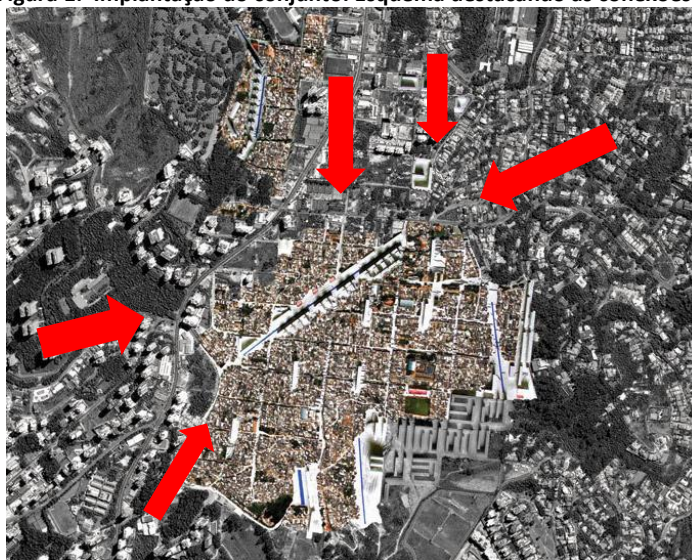
O projeto propõe a remoção total das habitações assentadas nos fundos dos vales, localizadas em áreas de risco, facilitando assim a leitura da geografia e transformando-se estas em eixos visíveis do conjunto, com áreas de lazer e equipamentos.

A atuação na área central mais consolidada da favela, consistia em intervir no interior das quadras, criando novos espaços públicos e frentes urbanas. Já as áreas com declividades, que estão dispostas num eixo, propunham-se novos blocos de habitação, perpendiculares às

curvas de nível, com até oito andares e dois acessos em níveis diferentes (VIGLIECCA & ASSOCIADOS, ONLINE).

Ao analisarmos a proposta de implantação do conjunto, fica claro que há uma conexão do conjunto com as vias existentes do entorno imediato (Figura 1). Neste projeto, identificamos que a ideia de integrar a malha viária existente ao conjunto – com a manutenção de algumas conexões e criação de outras -, fazendo com que a “cidade” penetre na área de intervenção, busca potencializar o sentido de pertencimento, promovendo assim espaços de encontro e circulação. Nesse sentido, destaca-se então, a nova avenida criada ao longo do córrego Antonico canalizado, uma diagonal traçada no meio da favela, que constitui um atalho para o tráfego de passagem entre duas ruas existentes importantes, a rua Dr Flávio Américo e Avenida Gronchi.

Figura 1: Implantação do conjunto. Esquema destacando as conexões.



Fonte: Edição do autor, sobre imagem disponível em: <http://www.vigliecca.com.br>,2021.

A intervenção se dá basicamente em duas áreas, na área mais central e consolidada de Paraisópolis e nas áreas com maiores declividades.

Na área mais central, no interior das quadras, são propostos edifícios de uso misto, com atividades de interesse público nos térreos e habitação nos demais pavimentos, de maneira que, como “estruturas urbanas”, se tornem pequenos pólos de atração, aumentando o fluxo no entorno. Essas estruturas foram chamadas pelo arquiteto Héctor Vigliecca de “Cunhas de Infiltração de Urbanidade” que, ao serem inseridas como elementos de “contaminação”, iriam gerar a transformação no todo. Já nas áreas com maiores declividades foram propostos novos blocos de habitação, perpendiculares às curvas de nível, com acesso em diferentes níveis, sem necessidade de elevador. Na área do córrego Antonico, identifica-se uma área mais linear, na qual os blocos lineares são implantados ao longo de uma via central criada com a canalização do córrego e gerando uma nova centralidade.

Assim, surgem 3 tipologias diferentes que variam de acordo com a forma de implantação: edifícios em encosta, em miolo de quadra e em fundo do vale. Conforme imagens abaixo. Na área central, no miolo das quadras, foram gerados espaços coletivos públicos, conformando espaços mais internos e fechados; ao longo do Córrego Antonico, identificamos

um parque linear. Já nas áreas com maiores declividades, nas encostas dos morros, as áreas verdes de uso coletivo estão previstas através de escadas e pátios que dividem os blocos propostos e que atuam como contenções das altas declividades desses setores de ocupação. Os novos blocos de habitação propostos nas áreas com declividade possuem acessos em níveis diferentes, edifícios com 8 pavimentos sem necessidade de elevadores (Figura 3).

Figura 2: à esquerda, espaço coletivo nas áreas em declive. Ao centro, espaço coletivo no interior da quadra. À direita, parque linear.



Fonte: <http://www.vigliecca.com.br>, 2021.

Figura 3: blocos propostos nas áreas com declividade



Fonte: <http://www.vigliecca.com.br>, 2021.

4.2. CROMELEQUE: CONJUNTO JARDIM VICENTINA (2008)

O Conjunto Jardim Vicentina consiste em uma proposta de urbanização e habitação social, no Jardim Vicentina, periferia da cidade de Osasco, na grande São Paulo. O terreno possui uma forma irregular, com uma área de aproximadamente 95 mil m². O entorno imediato é caracterizado predominantemente por residências unifamiliares de madeira ou alvenaria, com um ou dois pavimentos.

O projeto propõe a remoção e remanejamento dos moradores das áreas mais críticas à beira de um córrego e se desenvolve em duas partes distintas, uma zona linear e mais longa acompanhando o mencionado córrego, que foi canalizado, e outra, também linear, mas não tão alongada, localizada perpendicularmente à primeira.

A implantação prevê o uso de três tipos de edifícios diferentes – edifícios lineares isolados e edifícios lineares conectados a blocos de planta quadrada localizados ao longo do córrego, definindo duas novas frentes urbanas a cada lado do eixo viário de serviços proposto (VIGLIECCA & ASSOCIADOS, ONLINE) e; edifícios em L conformando pátios internos - espaços de uso coletivo

“mais fechados” - no braço menor da área. Todos os edifícios possuem 4 pavimentos e são construídos em alvenaria estrutural aparente.

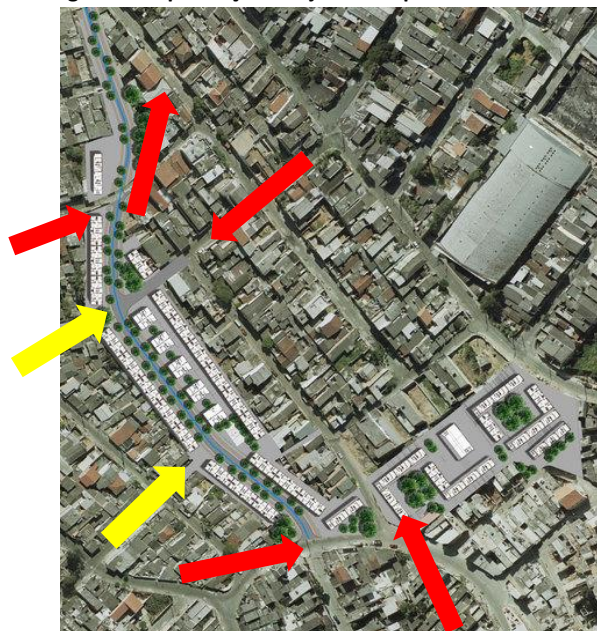
O arquiteto demonstra a preocupação com os aspectos sociais e culturais da população, assim como com a efetiva promoção da utilização dos espaços livres públicos. A convivência social é incentivada de diversas maneiras, através de espaços que possibilitam encontros e contatos visuais, tais como a “rua interna”, as pequenas praças e as quadras esportivas, que contribuem para o convívio entre os vizinhos, moradores do mesmo edifício, da mesma rua e do mesmo bairro.

A implantação dos edifícios favorece a dimensão urbana, de forma que a estrutura da malha urbana e os próprios blocos indicam os limites entre público e privado (RAPPL, 2019).

Ao observar a implantação do conjunto em relação ao seu entorno imediato, se identificou que há uma integração com as vias e acessos existentes. Algumas conexões foram mantidas facilitando as ligações entre os moradores do conjunto e das habitações próximas a ele. Dentro da proposta foi incluída a reforma das escadarias da região, que interligam ruas com bastante desnível (Figura 4).



A conformação dos quarteirões do entorno não é uniforme e a parte onde o conjunto foi implantado é ainda mais irregular, então, para não haver muito espaçamento entre as quadras, os blocos foram distribuídos de forma a facilitar uma permeabilidade aos pedestres.

Figura 4: implantação Conjunto. Esquema destacando as conexões



Fonte: Edição do autor, sobre imagem disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados,2021>.

Legenda

-  Conexões com Escadarias
-  Conexões com ruas existentes

O desenho dos fluxos e conexões acabam gerando espaços de transição entre conjunto e entorno, potencializando o uso destes, que podem ser utilizados tanto pelos moradores do conjunto quanto pelos moradores do entorno (Figura 5).

Com a remoção das habitações mais precárias, principalmente as de madeira, as moradias que configuram o entorno são predominantemente residências unifamiliares autoconstruídas de até 3 andares, em sua maioria de alvenaria de tijolos aparente. Sendo assim, todos os blocos do conjunto foram construídos com blocos cerâmicos aparentes, que, além de requererem pouca manutenção, constitui em uma maneira de manter a aproximação com as pré-existências.

Figura 5: Espaços transição do conjunto



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados,2021>.

No conjunto Jardim Vicentina, identificamos basicamente duas formas de implantação dos blocos (Figura 6).

Na primeira zona, com topografia menos acentuada, foi criado um eixo viário central, onde então foi canalizado o córrego existente no local. Sendo assim os edifícios, lineares, foram implantados ao longo desse eixo, em duas faixas urbanas, uma em cada lado da via. Já na segunda zona, em um terreno com maior declividade, as construções são distribuídas entre duas vias existentes, onde duas tipologias agrupadas são implantadas em sequência, criando “Ls” e pátios, com blocos escalonados que se adequam à topografia.

A forma de distribuição das edificações cria espaços públicos coletivos maiores que os existentes no entorno, aumentando as zonas de respiro e criando lugares de convivência.

Figura 6: Implantação Conjunto. Esquema destacando as zonas



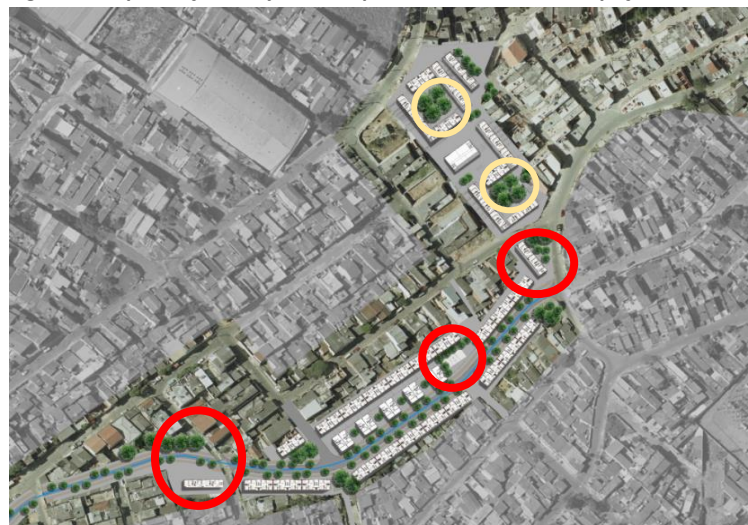
Fonte: Edição do autor, sobre imagem disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados,2021>.

Legenda:



Na zona 1, em um dos lados essas edificações estão isoladas e, no outro, estão conectados a outros blocos, formando cada porção uma espécie de “T”. Entre os blocos identifica-se espaços que são pequenos lugares de lazer. Já a Zona 2 possui uma forma mais compacta, com edificações em “L”, conformando uma espécie de quadras com pátios internos e espaços de transição entre os edifícios. O conjunto apresenta espaços abertos de uso coletivo de dimensões mais generosas em três pontos ao longo da via. Duas áreas verdes, uma no início e outra ao fim a via, e uma área de lazer central, onde possui uma quadra esportiva. No trecho onde os blocos são distribuídos em “L”, há pátios internos que foram conformados através da implantação, porém com pouca visibilidade e menos integrados ao seu entorno (Figura 4).

Figura 7: Implantação Conjunto. Esquema destacando os espaços coletivos.



Fonte: Edição do autor, sobre imagem disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados,2021>.

Os espaços abertos lineares, tanto junto ao córrego como junto aos edifícios em “L”, configuram um espaço semelhante ao da rua urbana, no sentido de que estão espacialmente definidos.

É possível identificar que dois dos três tipos do conjunto apresentam corredores frontais e passarelas (Figura 8). Estes corredores acabam se caracterizando como ruas elevadas, aumentando as conexões e criando espaços de convivência.

Figura 8: Circulação edifícios – passarelas.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados>, 2021.

Já no tipo com corredor central quando agrupado a outro bloco através da passarela, entra na mesma categoria, possuindo também a via elevada.

As ruas elevadas criam e estabelecem novas relações entre os edifícios, interligam lugares e atividades individuais e coletivas, tanto no nível do solo como em pavimentos superiores, em uma relação muito dinâmica.

O conjunto possui três variações de planta. O primeiro tipo, com acesso e circulação vertical centralizados, de modo a distribuir o acesso a cada apartamento nas laterais; O segundo, com acesso e circulação vertical em uma das laterais, onde a circulação aberta-coberta na face frontal do bloco de apartamentos distribui o acesso direto as unidades, e o terceiro, é a combinação de dois tipos: o primeiro e um bloco de planta quadrangular com a utilização de passarelas de circulação e aproveitando então um volume de acesso vertical para os dois edifícios, otimizando a distribuição (Figura 9).

Figura 9: Distribuição dos tipos edifícios.



Fonte: autor, 2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível verificar, através dos projetos analisados, a preocupação do arquiteto com as escalas objeto e cidade, sempre buscando uma melhor forma de conexão com a cidade, de forma que o “novo” seja solidário com o existente. A atenção ao lugar e ao morador é princípio ordenador dos seus projetos.

Por outro lado, é possível identificar que a transição entre os espaços públicos e privados, partindo do espaço privado das unidades habitacionais, passando pelos espaços coletivos semipúblicos do conjunto – ruas elevadas e pátios – e chegando no espaço público da cidade, criam uma transição positiva entre as escalas conjunto e cidade. As relações entre o público e privado, visam a qualificação do espaço público, surgindo assim, como já comentado, a ideia de “identidade” e “pertencimento”, ou seja, de “reidentificação” do homem com seu habitat.

Assim, é muito presente em todos os projetos, a ideia de conexão entre os elementos e escalas da cidade, a ideia de apropriação, a existência de espaços qualificados, a intenção de transformar as cidades em entes mais habitáveis, mais conectados entre si e com seus habitantes, o que, de certa forma, confirma a hipótese defendida por este artigo de que o contexto de crítica com o qual conviveu em seus primeiros anos de trabalho no Uruguai, foi fundamental para a construção do pensamento do arquiteto e de sua visão do papel do urbanista e do projeto frente à cidade. Nas propostas apresentadas neste trabalho a arquitetura não se configura como um objeto em si, e sim como um fenômeno que conforma da cidade – buscando uma relação estreita entre essas duas escalas – objeto e cidade.

Por fim, verificou-se, através de consulta bibliográfica e análise preliminar dos projetos, que o arquiteto Héctor Vigliecca possui uma vasta produção de conjuntos habitacionais que podem ser considerados bons exemplos arquitetônicos e urbanísticos, principalmente porque, são pensados pelo arquiteto como elementos estruturadores e transformadores do espaço e paisagem urbana.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY BRASIL. **Urbanização do Jardim Vicentina / Vigliecca & Associados**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804477/urbanizacao-do-jardim-vicentina-vigliecca-and-associados>. Acesso em: 01 mar. 2021.

BARONE, Ana Cláudia. **Team 10 arquitetura como crítica**. 1ed. SP: Fapesp, 2002

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes 2000.

MUMFORD, E. P. **The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

RAPPL, K. **Avaliações ex ante e a qualidade do habitar no Brasil do século 21: uma possibilidade crítica**. 2019. 350p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RITTER, C. Espaço arquitetônico e urbanístico nas cooperativas habitacionais uruguaias: **Complexo Habitacional Bulevar Artigas e Zona 1 do Complexo Habitacional José Pedro Varela**. 2019. 297f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2019.

SERAPIÃO, F. Revista Monolito – Edição Héctor Vigliecca. Revista Monolito, São Paulo, nº16, 14 páginas, 2013.

SMITHSON, A. (ed.). **Manual del Team 10**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1966.

SMITHSON, A.; SMITHSON, P. An urban Project. **Architect's Yearbook**, v. 5, 1953.

SMITHSON, A.; SMITHSON, P. Cluster City. A new shape for the community. *Architectural Review*, nov. 1957.

VIGLIECCA & ASSOCIADOS ONLINE. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/>

VIGLIECCA, H. **Debate “Habitação Social: impasses de uma cidade possível”**. Debatedores: Héctor Vigliecca, Nabil Bonduki, Helene Afanasieff, Leão Serva. São Paulo [2014]. 74min. Debate concedido a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/pages/presentations>. Acesso em 29 abr.2021.

VIGLIECCA, H. **Cinco mantras do desenho urbano por Héctor Vigliecca**. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/870625/cinco-mantras-do-desenho-urbano-por-hector-vigliecca>. Acesso em: 13 mai.2021.

VIGLIECCA, H. **Hipóteses do real: concursos de arquitetura e urbanismo 1971-2011**. 1ed. São Paulo: Vigliecca e associados, 2012.

VIGLIECCA, H. **Infiltrando urbanidade: a produção de habitação social de Vigliecca & Associados. Entrevista com Héctor Vigliecca e Neli Shimizu**. [jul.2019]. Entrevista concedida a Revista Vitruvius, n.079.01, ano 20. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/20.079/7400?page=1>. Acesso em: 01.abr.2021.

VIGLIECCA, H. **O terceiro território: habitação coletiva e cidade**. 1ed.São Paulo: Vigliecca e Associados, 2014.

VIGLIECCA, H. **Palestra “Crescimento populacional e desenvolvimento urbano”**.São Paulo [2014].108min. Palestra concedida a Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/pages/presentations>. Acesso em 29 abr.2021.

VIGLIECCA, H. **Residencial Parque Novo Santo Amaro V, São Paulo, Brasil**.Scielo,2012. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962014000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em 29.abr 2021.

WIKI. **Parque Residencial Novo Santo Amaro V**. Disponível em: https://wiki.ead.pucv.cl/Conjunto_habitacional_Parque_Novo_Santo_Amaro . Acesso em 01,abr.2021